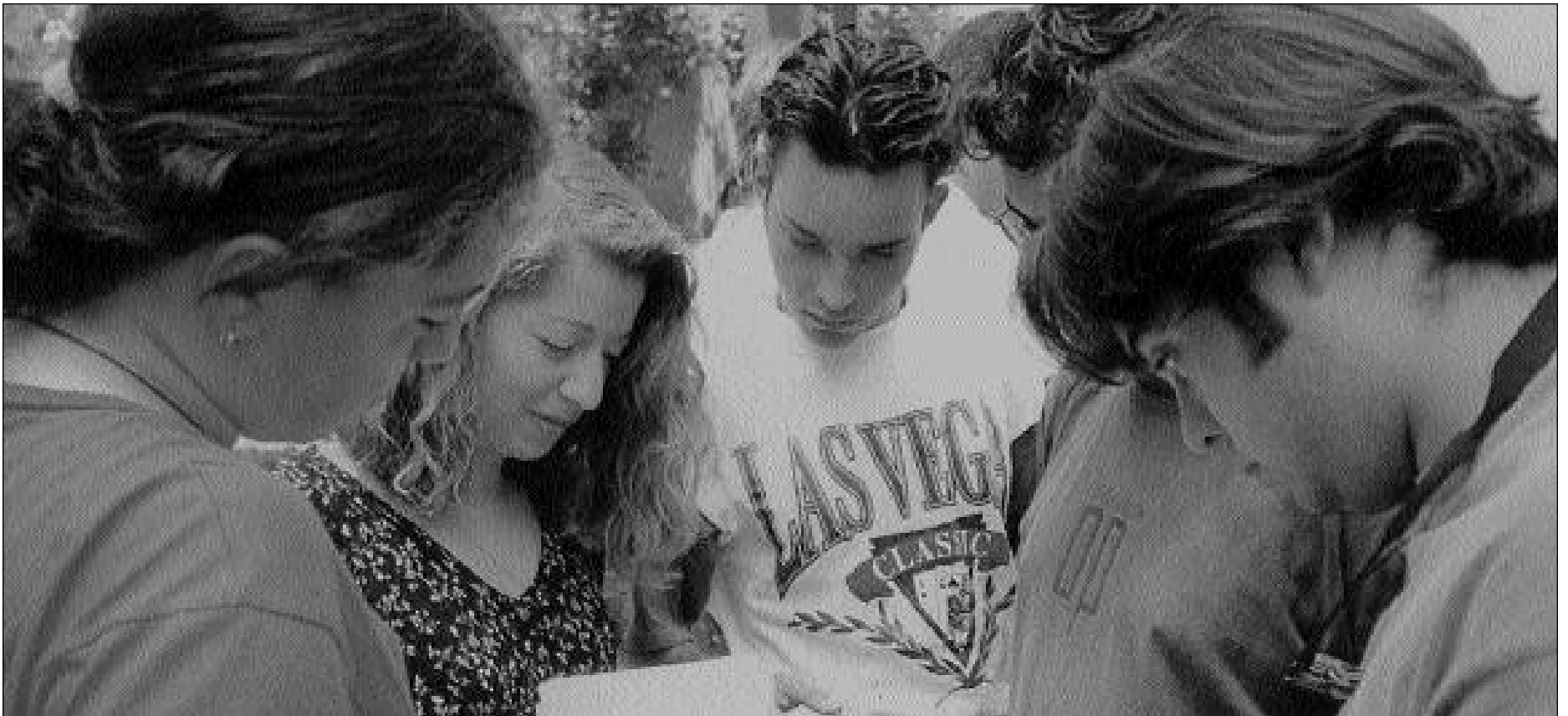


O imigrante

Marília Balbi



Homens e mulheres de todas as idades sempre viajaram para outros continentes ou numa epopéia de ascensão social ou por curiosidade e movimento. Com a idéia de fazerem a América, desembarcam no continente americano milhares de pessoas em busca de seus sonhos.

No Brasil, final do século XIX, não foi diferente pois imigrantes italianos, alemães, suíços e japoneses instalaram-se de norte a sul em “terras que em se plantando tudo dá”, isto além dos negros africanos e índios da terra, as primeiras raças que contribuíram com sua força de trabalho para a construção da nação brasileira. Mas a América, a Argentina ou os Estados Unidos.

No Brasil do século XVI, desde os portugueses, que por serem os conquistadores das terras indígenas, não foram considerados imigrantes, pelo menos até o século passado, além dos franceses, holandeses e espanhóis que aportaram nas costas do

Brasil feito caranguejos.

O conde Francisco Matarazzo, um imigrante chegado ao Brasil também no século XIX, personificou o mito da ascensão social pelo trabalho tornando-se um dos homens mais ricos do país. Mas nem todos tiveram a mesma ascensão, tendo que trabalhar pesado para os grandes fazendeiros, e nem todos conseguiram voltar para a terra natal levando fortuna e poder no Brasil com a editora Abril, com escritório no mundo todo, inclusive em Nova York.

Dessa mistura de raças nasceu o Brasil, do qual todo brasileiro se orgulha porque somos um povo sem preconceitos. Há a crença generalizada na história do povo brasileiro, cujas raízes foram fincadas no seu descobrimento em 1500, de um país com dom de Deus e da Natureza.

Em “Brasil, mito fundador e sociedade autoritária”, de Marilena Chaui, professora de Filosofia da Universidade de São Paulo, “o Brasil também tem um povo pacífico, ordeiro, generoso, alegre e sensual, mesmo

quando sofredor, ; é um país acolhedor para todos que desejam trabalhar, não havendo por isso discriminação de classe e sim repúdio a vagabundagem, que leva à delinquência e à violência; É mesmo um país dos contrastes regionais, numa pluraridade econômica e cultural”.

Mas ainda faltam a modernização e a moeda forte como a dos países mais ricos do mundo, como Estados Unidos e Canadá. Mas ainda assim os brasileiros se orgulham, apesar de indignados com a existência de crianças de ruas, cerca de oito mil, só em São Paulo.

O Brasil ocupa o terceiro lugar do mundo em índice de desemprego, o segundo lugar nos índices de concentração de renda má distribuição da riqueza, estando hoje entre os mais corruptos no *ranking* mundial. Segundo a manchete de 14/9 da Folha de São Paulo, o Brasil caiu de 45% para 49% no ranking de percepção de corrupção, conforme a ONG Transparência em Corrupção. De zero a 10, para os países livres de corrupção, o Brasil ficou com nota 3,9.

A Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, apresentou um estudo do prof. Fernando Garcia que mostra que a renda per capita dos brasileiros aumentaria R\$6 mil por ano se a corrupção no país diminuísse a níveis semelhantes aos apresentados no Canadá.

FAZER A AMÉRICA

Estes motivos são suficientes para que muitos brasileiros, descendentes de todas as raças queiram imigrar para países desenvolvidos, ou pelo menos por um tempo para que possam economizar e voltar à terra brasileira com dinheiro e desenvolvimento humano.

Nesses dois últimos anos calcula-se entre 150 mil (números do Itamaraty) e 300 mil (números de Câmara de Comércio Brasil-EUA) o total de brasileiros capazes de desempenhar qualquer trabalho para permanecer nos Estados Unidos do escritório da empresa de computação à faxina em casa

de americanos, trabalho que rende a Keiko cerca de 1.200 dólares por semana. realizando até 3 faxinas por dia em residências americanas. Este estilo de vida dá a Keiko a chance de viajar para o Brasil e Japão levando 15 mil dólares, só para curtir a viagem.

No Brasil, a faxineira Nega ganha 40 Reais, uns 20 dólares, por dia. Mas Keiko já comprou apartamento no Brasil, enquanto Nega continua morando no Jardim Angela, onde o índice de violência aumenta a cada dia. Como ela, muitos perderam o estímulo, a vontade de vencer.

Falta educação, saúde e chances de ascensão social; a dívida externa aumenta e milhares de crianças ficam sem infância. E a existência dos sem-teto, sem-terra e milhões de desempregados é atribuída à ignorância, à preguiça e à incompetência dos pobres. Mas na América da Big Apple é preciso ter coragem, determinação para progredir no país das oportunidades e facilidades. Porque aqui quem perde trabalho, arruma outro em 24 horas.

A carioca Adriana veio para Nova York, arrumou emprego numa empresa de frete brasileira, depois numa americana, já com o Green Card. Dez anos depois voltou para o Brasil. comprou apartamento na Barra da Tijuca, com vista para o mar e está muito feliz., trabalhando numa firma também de frete internacional no Rio de Janeiro.

Muitas vezes a sorte também ajuda, como Margareth que um dia pedalava pelas ruas de Nova York e conheceu alguém numa parada de trânsito. Margareth contou de seu trabalho com computação. O motorista, no bizz com Mile Jagger, confidenciou que a troupe precisava de alguém como ela para um tour com a banda. Ela foi, ganhou muitos dólares com o trabalho, porque aqui em Nova York como diz a música de Frank Sinatra: “if you make it here, you can make it anywhere”.

Reprinted with permission from
The Brazilians

Can't Read This Page Yet?

Come to Lehman and study
PORTUGUESE

**Expand your world by learning a language
spoken in seven countries throughout five
continents.**

For information please call:

Department of Languages and Literatures, Lehman
College

Tel: (718) 960-8215

Fax: (718) 960-8218